

Departamento de Geografia
Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território

Cadernos de Geografia



Nº 32 - 2013

Geocaching e marketing territorial. Reflexão a propósito de um evento na Serra da Estrela

João Luís J. Fernandes

Departamento de Geografia da Universidade de Coimbra e CEGOT

Resumo:

A propósito de um evento que decorreu no Parque Natural da Serra da Estrela, demonstra-se que o geocaching pode ser uma oportunidade para promoção de uma outra relação com o espaço geográfico e ser, ao mesmo tempo, um instrumento de divulgação turística de uma rede de lugares ainda com escassa imagem exterior. Nesta rede de aldeias do concelho de Seia, o geocaching será também uma outra vertente da multifuncionalidade e da redescoberta, para o turismo e o lazer, de um espaço rural de baixas densidades nos quais se identificam o património e a memória, mas também a paisagem, a rocha e a água como alguns dos principais vetores de identidade.

Palavras-chave: Geocaching. Serra da Estrela. Paisagem.

Résumé:

Geocaching et marketing territorial. Réflexion sur un événement dans la Serra da Estrela

Un événement a eu lieu au Parc Naturel Serra d'Estrela ayant comme objectif essentiel promouvoir le géocaching comme une différente expérience géographique et un outil pertinent pour renforcer l'image touristique des lieux qui souffrent d'une faible représentation externe. A l'instar de ce réseau de villages, le géocaching est aussi une activité complémentaire dans une large appropriation multifonctionnelle des espaces ruraux, désormais ouverts aux activités de tourisme et de loisirs, en particulier dans cette singulière région patrimoniale avec un paysage rocheux façonné par les cours d'eau.

Mots-clés: Geocaching. Parc Naturel Serra d'Estrela. Paysage.

Abstract:

Geocaching and territorial marketing. Reflection regarding an event in Serra da Estrela

An event that took place in the Serra da Estrela Natural Park was an opportunity to promote geocaching as a different geographic experience and a relevant tool to strengthen the tourist image of places suffering from a poor external representation. Following the example of this network of villages, geocaching is also an additional activity in a wide multifunctional appropriation of rural spaces, now open to tourism and leisure activities, especially in this particular region of heritage and a rocky landscape shaped by water courses.

Key-words: Geocaching. Serra da Estrela Natural Park. Landscape.

1 - Nota introdutória. O evento 'Geocaching nas Aldeias de Montanha'

Entre 2 e 4 Novembro de 2012, alguns lugares do concelho de Seia acolheram um evento de geocaching promovido pela câmara municipal e pelo Centro Dinamizador da Rede de Aldeias de Montanha, em parceria com a Editora Ésquilo. Este encontro de geocachers, desenvolvido no quadro de um projeto co-financiado pelo QREN, no âmbito do Programa Mais Centro e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, foi organizado pela empresa GeocacherZONE e atraiu cerca de 150 participantes- geocachers visitantes mas também locais, aficionados individuais ou organizados em grupo, em particular famílias, um dos principais atores envolvidos nesta prática de descoberta e caça a um tesouro - as denominadas 'caches', dissimulado algures na paisagem. Estas estão identificadas no endereço geocaching.com através de coordenadas georreferenciadas, facto que permite, recorrendo a um GPS, a sua posterior procura no terreno. Essa busca, com percursos que se vão registando nas páginas pessoais dos geocachers alojadas nesse mesmo sítio web, pode ser uma experiência pontual e individual. Apesar disso, esta rede social tem promovido a cooperação, o trabalho em equipa e a interação, que ocorre quer em ambiente virtual, quer através de contactos diretos.

É nesse âmbito que se organizam eventos, também identificados e divulgados no espaço web através da página geocaching.com. Estes acontecimentos definem lugares e calendários de encontro de praticantes e membros desta rede social e ocorrem a propósito de pretextos muito diversificados. Alguns resultam de iniciativas dispersas, outros acompanham o calendário sazonal de celebrações civis e religiosas assinalando momentos como, alguns exemplos, o Natal ou o Dia de S. Martinho, a chegada da primavera ou o Halloween. Trata-se, no fundo, de pretextos para o encontro entre geocachers, para a concretização no espaço geográfico real de interações sociais dispersas no espaço virtual. Estes são os momentos nos quais o geocacher, identificado por um nome de código, se dá a conhecer e contacta com outros, troca experiências e prepara projetos comuns ou procura caches em conjunto. Esses eventos podem ser acompanhados por outros desafios de envolvimento com o lugar de receção desse convívio, como exercícios de tiro ou mergulho, passeios, visitas, concursos de fotografia ou simples atividades lúdicas e partilha social. Alguns apresentam um enquadramento particular, como os denominados "C.I.T.O. - Cache In Trash Out", que têm como principal propósito

a organização de um percurso coletivo que, ao mesmo tempo que descobre novas caches, faça também a limpeza do terreno, removendo o lixo ('Trash Out') desse trilho. Esta iniciativa confirma alguns dos propósitos de sustentabilidade ambiental que fazem parte do código de ética desta modalidade lúdica.

Nalguns eventos, os organizadores - geocachers que também estão no terreno, agradecem os colegas com o lançamento de caches novas nos lugares de proximidade desse ponto de reunião, renovando o interesse na participação e acentuando a atratividade do espaço geográfico envolvente. Na verdade, tratam-se de acontecimentos que, pela convergência que promovem, dão centralidade ocasional a um lugar de encontro - uma praça, um café ou um jardim, ao mesmo tempo que territorializam relações que começam no espaço virtual, desmontando a apressada e pouco comprovada ideia que, numa espécie de desmaterialização da vida social, as novas tecnologias afastam as populações do espaço geográfico.

O evento decorrido na Serra da Estrela, denominado "Geocaching nas Aldeias de Montanha", preparou e dispersou as atividades pelos 9 aglomerados populacionais pertencentes a esta rede: Sabugueiro, Lapa dos Dinheiros, Valezim, Sazes da Beira, Loriga, Cabeça, Alvoco da Serra, Teixeira e Vide. Acontecimento múltiplo, esta organização envolveu, para além dos momentos de convívio entre os geocachers, exercícios no terreno, como a procura individual ou coletiva de caches colocadas naquela ocasião (cerca de 100) e outras já existentes; um evento C.I.T.O.; e atividades em sala, como um workshop de discussão sobre o presente e as perspetivas futuras do geocaching e outro sobre os cuidados e as técnicas de preparação e colocação de uma cache no terreno. Ao mesmo tempo, promoveu-se um concurso de fotografia e outro de escrita criativa, premiando neste caso o 'log' mais imaginativo, isto é, o mais relevante dos textos colocados na plataforma digital, aquele que melhor se expresse sobre o evento e as experiências proporcionadas por este.

A organização também pretendeu incentivar o contacto dos geocachers com as populações locais, promovendo mostras gastronómicas e convidando os participantes a aderir a uma festa popular que decorreu num dos aglomerados populacionais. Para além do desenvolvimento e da expansão territorial desta atividade, o "Geocaching nas Aldeias de Montanha" teve como finalidade a promoção de um espaço geográfico de baixa densidade estruturado por uma rede de núcleos rurais do município de Seia classificada ao abrigo de projetos comunitários. Trata-se de uma rede de lugares

que foram perdendo centralidade ao longo do tempo, sedes de freguesia que, nalguns casos, não continuaram com esse estatuto após a reforma administrativa promulgada em 2013. Todas integradas no Parque Natural da Serra da Estrela, estas aldeias posicionam-se sobretudo ao longo de vales e linhas de água, como o rio Alva e as Ribeiras de Alvoco e Loriga que, das cotas mais elevadas do maciço montanhoso, fluem para os mais baixos territórios do Mondego ou algum afluente. Pelas suas características, este evento exalta o papel que o geocaching pode ter na divulgação de lugares que, de certo modo, perderam o andamento dos tempos e apresentam uma imagem exterior mais ténue.

É certo que o estatuto de área classificada e os valores naturais e culturais da Serra da Estrela têm sido objeto de algum marketing territorial. No entanto, este evento em particular, e as caches em geral, que vão perdurar no tempo, foram um pretexto acrescido de visita e estadia na região. Deste modo, concretizou-se nestes 3 dias o conceito de “turismo de geocaching”, categoria inovadora de uma atividade turística com crescente complexidade, diversidade e abrangência es-

pacial. Neste caso, implica deslocações e permanências realizadas com o propósito principal de busca e registo desses tesouros ocultos no espaço geográfico. Para além disso, este conjunto de caches, e entenda-se aqui o geocaching como uma experiência territorial e uma oportunidade de observação da paisagem, são uma janela de contacto e análise de conteúdo de uma determinada realidade geográfica, um pretexto para a leitura e decodificação do contexto espacial.

2 - As caches como pontos de observação da paisagem e representação das dinâmicas territoriais

O evento facultou tempos para cada geocacher seguir o seu percurso individual, permitindo roteiros particulares e opções geográficas diversificadas. Contudo, as caches lançadas durante o encontro e o território determinado pela rede das 9 aldeias classificadas definiram um aproximado perímetro poligonal entre Seia (onde se fez o check in de acesso ao encontro), Sabugueiro, Alvoco da Serra e Vide (Figura 1).

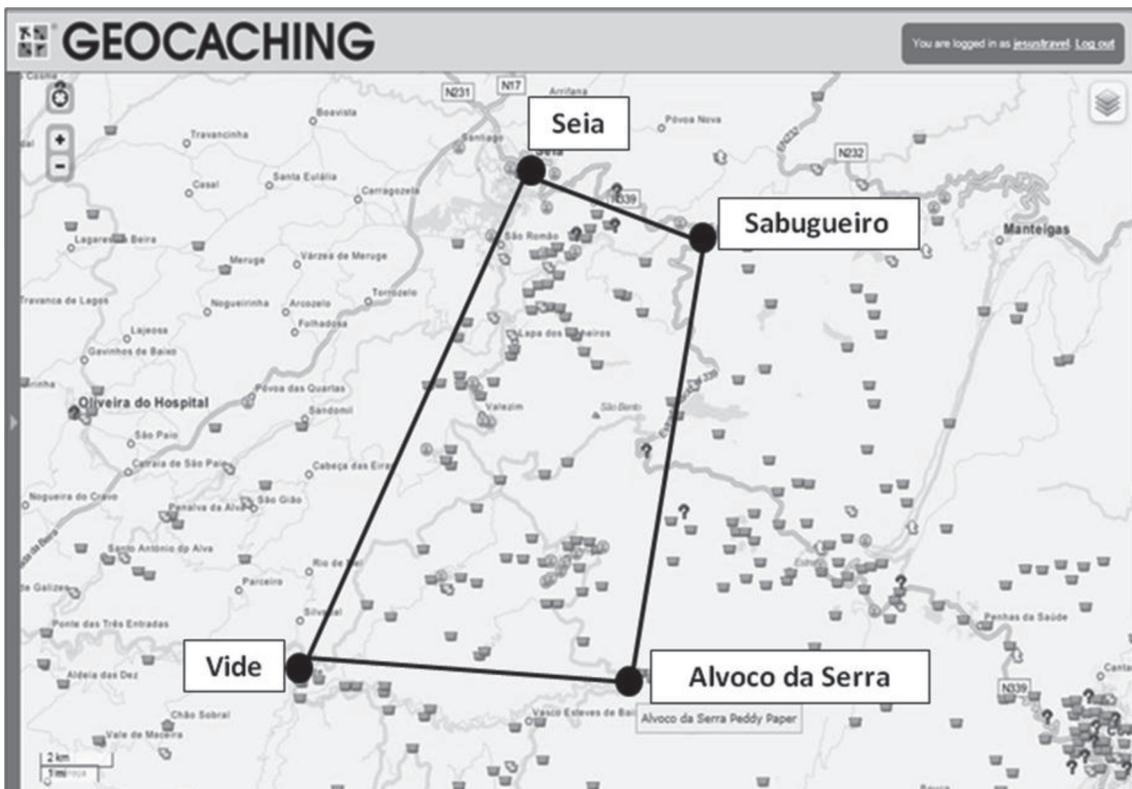


Figura 1

Território central do evento 'Geocaching nas Aldeias de Montanha', decorrido entre 2 e 4 de Novembro de 2012, e localização das diferentes caches na região (adaptado a partir de www.geocaching.com).

As caches distribuídas por este polígono facultam um retrato da paisagem mas também das dinâmicas territoriais recentes deste espaço geográfico. Estes objetos georreferenciados têm localizações diversificadas, dentro e fora dos aglomerados populacionais, alguns apresentando-se como pontos isolados, outros fazendo parte de seqüências lineares ou circulares, em certos casos aproveitando percursos pedestres já organizados por entidades como o Parque Natural da Serra da Estrela e o C.I.S.E. - Centro de Interpretação da Serra da Estrela, instituição integrada no município senense. A espacialidade do geocaching é reveladora da geodiversidade desta região, facto que deriva não apenas das oscilações da topografia, das diferenças de cota (dos 300 metros de Vide aos 1100 metros de altitude do Sabugueiro), da heterogeneidade climática e biogeográfica mas também da transição entre o granito e o xisto que este conjunto atravessa.

Desde logo, o geocaching divulga os núcleos tradicionais do espaço construído em cada um destes lugares, da sede de concelho a Loriga, do Sabugueiro a Cabeça. Neste último caso, as caches promovem um centro populacional de xisto objeto de requalificação recente. Esta geografia dos tesouros ocultos direciona os geocachers também para lugares já em evidente decomposição demográfica, espaços em despovoamento que se mostram nestas novas espacialidades de turismo e lazer. Assim ocorre com a aldeia de Fontão, na freguesia de Loriga, onde também predomina o xisto mas faltam os habitantes. Cada cache é acompanhada, na respetiva página web, por uma descrição que, da responsabilidade de quem a colocou, ajuda os colegas geocachers a entender a paisagem, o lugar e as vivências que o caracterizam, desta forma justificando também o interesse da visita e a pertinência dessa mesma cache. Acompanhe-se, no caso do Fontão, a respetiva notícia:

“Como que escondida no meio das serras, a cerca de 8 Km de Loriga fica situada a pitoresca localidade do Fontão. O visitante, chegado a esta pequena terra, onde as casas construídas de xisto dão um panorama diferente, pensa ter chegado a um mundo onde a natureza é a rainha e onde o silêncio apenas parece ser interrompido pelas águas cristalinas que deslizam pelos campos e riachos. Tal cenário faz-nos esquecer o progresso e que, para lá dos montes altos, existe outro mundo, outra vida. Através dos tempos, no entanto, tem sido esquecida e abandonada pelos poderes autárquicos e, a prova mais visível desse facto, é a continuada falta

de dignos acessos. Este é um direito que os seus habitantes têm sempre reclamado, sendo até, muitas das vezes os próprios os responsáveis por construir os existentes, bem como, a sua respectiva conservação. Nos tempos actuais, o Fontão de Loriga, é mais um exemplo da desertificação com a qual se vai debatendo o interior do país, devido à saída da sua população para outras localidades. O movimento demográfico é bem sentido na sistemática diminuição da sua população. Comparativamente com as décadas de 40 e 50, em que havia mais de quatro dezenas de crianças na escola local, hoje não existe uma única estando por esse motivo a escola fechada. Em 1999, a população residente no Fontão, era apenas de 11 pessoas. Anualmente é realizada a Festa em Honra de N. S. da Ajuda, uma festa com tradição, presentemente levada a efeito em Agosto, sendo então muitos os ausentes a visitar a sua terra”

Fonte: <http://www.geocaching.com>

Para além de dados sobre a localização, neste caso coloca-se o geocacher perante uma dinâmica de perda de centralidade e despovoamento de um lugar recolhido, anacrónico, pouco acessível, longe dos principais corredores de contacto e da atenção dos poderes, uma paisagem de silêncio e forte presença da natureza, mas também de um património para onde os antigos residentes, ou eventuais descendentes, regressam por ocasião das celebrações populares. Fontão é aqui apresentado como paradigma de uma geografia humana dualista, como símbolo de uma interioridade que vai comprimindo os mapas do Portugal vivido, mas que agora se redescobre enquanto experiência de lazer e turismo. Esta parageografia (JACINTO, 1995), uma geografia escrita por não geógrafos, revela os olhares do geocacher local, daquele que conhece o terreno e, por isso, orienta os percursos dos colegas de rede, revelando um espaço geográfico que passaria discreto, inscrevendo-o nos mapas mentais daqueles que agora o visitam.

Este geocaching de observação da paisagem é evidente nas caches que aqui e ali se colocam porque a cota e o desnível topográfico abrem os horizontes e estendem a vista até mais longe. Assim acontece com a cache na Senhora do Espinheiro, ainda no concelho de Seia. A cerca de 1000 metros de altitude, dali se observa a extensão da plataforma do Mondego; ou na Senhora da Saúde (Valezim), cache que promove as vistas largas também para o Planalto Beirão, no horizonte que desenha, mais ao longe, as silhuetas de relevos salientes

como o Caramulo, Açor e Montemuro, mais ou menos visíveis consoante os dias e a limpidez do céu que envolve o observador. É também à procura de pontos privilegiados de observação, mas também de registos de distinção, que se leva o geocacher aos vértices geodésicos, um dos mais populares pontos de acolhimento de caches em Portugal. Neste perímetro, lá está o marco geodésico do Souto, em Cabeça (Loriga), a partir do qual se consegue, assim o publicita a notícia desta cache, uma “vista magnífica para as Aldeias: da Cabeça, Fontão, Teixeira de Cima e Baixo, Vasco Esteve de Cima, Piodão, entre muitas outras”. Esta busca da cache mas também de observação da paisagem, levou os geocachers para caminhos panorâmicos, um Portugal de estradas mais lentas que estimulam o olhar e a paragem, como acontece na cache sugestivamente denominada “KM 8.7 - Vista do Vale de Loriga”. “Seguindo de Valezim pela EN 231, antes de chegar à Portela do Arão, encontramos indicação para Vide e o Poço da Broca. Virando, assim, à direita entramos num dos mais belos percursos paisagísticos da Serra da Estrela. Ao fim de um pouco mais de quatro quilómetros, avistamos de cima a Aldeia de Cabeça. Continuando, quase no quilómetro nove, todo o vale de Loriga arrebatava o nosso olhar. Uma paisagem de sustar a respiração. Ao longe avista-se Loriga e o Maciço Central da Serra da Estrela” (Fonte: <http://www.geocaching.com>). Assim se assume, neste Portugal mais compassado, um património linear que vale sobretudo pelo que dali se observa, a aldeia mas também o vale, facto relevante num país com territorialidades muito marcadas pelos eixos de velocidade que nos impedem a paragem e nos escondem a paisagem.

Estes corredores de aproximação do geocacher ao solo e à terra, conduzem-no também aos espaços religiosos, às capelas e aos santuários, a Santa Eufémia e à Senhora do Mont’Alto, em Sazes da Beira, ou à Igreja da N. Sr^a do Rosário, em Valezim, edifício que já foi cenário em obra do cinema português, mas que não se vê da estrada que, na cota lá mais ao alto, se percorre sem se olhar para o que está mais abaixo. Aqui como noutros lugares, o geocaching convida o transeunte a sair do corredor mais rápido, a pisar o solo mais escondido, a procurar o que está mais oculto (Figura 2).

É este património religioso que o geocacher vai percorrendo, observando, fotografando, na maior parte das vezes durante o dia, mas de noite também, para os que preferem incursões noturnas numa paisagem que está lá, mas que àquela hora não é a mesma. A velocidade do geocacher é também variável. Há, é certo, os que correm mais depressa na procura do tesouro seguinte; há os que fazem paragens mais prolongadas, os



Figura 2

Igreja de N.ª Sr.ª do Rosário, em Valezim, edifício de granito adjacente a um antigo cemitério, já antes cenário do filme *A Coisa Ruim* (2005), de Tiago Guedes e Frederico Serra.

que dão mais tempo à paisagem, por vezes deixando-se entranhar por ela.

A religiosidade destes lugares não admira, está dentro do que se esperava, mas nem sempre se está preparado para a sua grandeza, aquela que tem pouco que ver com a dimensão e o tamanho das formas, mas mais com o simbolismo e a densidade que se enforma na paisagem. É esta a mensagem de caches que também nos fazem descobrir patrimónios como as alminhas, no ambiente granítico de Lapa dos Dinheiros mas também, mais uma vez, em Cabeça, agora com este símbolo de evocação esculpido no xisto, à entrada da aldeia, visto por quem passa, mas descoberto pelo geocacher que lá vai, porque também ali, dissimulado, se colocou um objeto georreferenciado (Figura 3).

Assim se vai povoando o espaço rural, pelas comunidades locais que resistem nos lugares, por aqueles, como os geocachers, que vão chegando para logo depois partirem, por vezes deixando pouco rasto, é certo, mas levantando o véu sobre espaços intersticiais antes desconhecidos (Figuras 4 e 5).

O geocaching traz à superfície valores ocultos mas ajusta-se também ao que já antes, por outras vias e noutros contextos, foi divulgado. Neste perímetro, lá está a incontornável rocha granítica antropomórfica, a Cabeça da Velha, na Senhora do Desterro, tal como, mais para sudeste, a Cabeça do Velho, ambos com a sua cache, numa paisagem de monólitos onde se mostra a rocha mais austera, por vezes exigindo a criatividade de se humanizar o que, para além da imaginação, nada tem de humano.

Se há elemento que impera naquilo que o território do evento revelou, lá está a rocha, o granito e o xisto, na arquitetura e nas formas do relevo, nos muros e no cromatismo da paisagem. A pedra domina, a que veio da natureza mas também a que foi moldada pelos



Figura 3
Alminha de Xisto, em Cabeça.

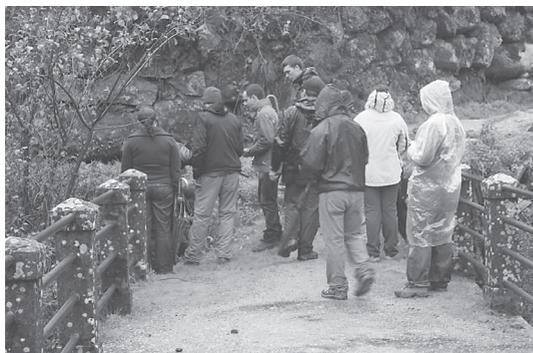


Figura 4
Geocachers em atividade, perto de Loriga.



Figura 5
Geocacher observando uma das placas de informação na Mata do Desterro, onde se criou um trilho de caches.

homens. No entanto, esta espacialidade não se entende sem outro traço de personalidade geográfica, um marcador menos silencioso mas mais fluido, elemento que também modelou este espaço e esta geografia humana - a água. Nas suas múltiplas manifestações, este é outro dos elementos marcantes da experiência territorial dos geocachers neste espaço geográfico. Na aldeia de Barriosa (freguesia de Vide), a cache lá está, na cascata do poço da Broca, pelo que se vê mas também pelo que se ouve, talvez uma paisagem sonora terapêutica, “um dos locais mais belos da região”, assim o promove quem colocou a cache, num lugar também de suposições, de transmissão do que se diz, que a ponte que ali está seria romana, que a tiveram que ajustar para a passagem dos cavalos, que alguém, não se sabe quem nem quando, ali queria construir uma capela, sem nunca o ter conseguido. Lendas, suposições, diz-se que foi assim, ouviu-se algures, narrativas que vão imprimindo densidade aos lugares, num geocaching que se faz entre as paisagens do real e os territórios do suposto, quando não, do imaginado.

Este percurso pelos territórios da água levou os geocachers a fontes, lugares que já foram mais do que são hoje, antigos espaços de sociabilidade, pontos de encontro quando a água não chegava, como hoje, bem preparada, quase sem esforço, à casa de cada um. A Fonte dos Azeiteiros, em Loriga, ainda procurada porque a água é fresca, mas também a Fonte do Ferreiro, no Sabugueiro, lá estão, nesta rede de caches que homenageiam a água, não fosse a Serra da Estrela um dos grandes reservatórios hídricos do país. Por isso, nestas encostas de socacos, se levou o geocacher aos caminhos que, acompanhando levadas, refazem agora trajetos hídricos antes percorridos pelo agricultor e pelo criador de gado, calcorreando pedras já antes pisadas, retomando territorialidades agora com objetivos que não se imaginavam há não muitos anos (Figura 6).



Figura 6
Levada, no percurso que conduz a uma cache, perto de Valezim.

Neste percurso pelos espaços da água, ao geocacher são também apresentados os territórios da produção energética, das centrais hidroelétricas do Sabugueiro e da Senhora do Desterro à central e à câmara de carga da Ponte Jugais, todas com a respetiva cache, todas no mapa dos geocachers que visitam a região. No caso da Central da Senhora do Desterro, a cache assinala uma inovação - o Museu Natural da Eletricidade, inaugurado em 2011, mas já registado na rota das caches deste município. É certo que estas caches se ajustam à geografia do património tradicional (no que à museologia diz respeito, registre-se também o Museu de Arte Sacra, em Alvoco da Serra), mas procuram também o que se faz de diferente, as patrimonializações inovadoras de recursos que já não são novos, como ocorre com o Museu do Pão, em Seia, deixando a ideia que se poderá percorrer parte substancial dos espaços museológicos desta região seguindo as orientações de um GPS que procura as caches escondidas no terreno. É também para se mostrar o que acontece de novo que se colocam caches em lugares de investimentos recentes, sinais de progresso e qualidade de vida, como acontece, mais uma vez no ambiente água, com a sinalização de espaços intervencionados como as praias fluviais de Lapa dos Dinheiros ou Loriga (Figura 7).



Figura 7
Praia Fluvial, em Loriga. Vista panorâmica desde a localização de uma cache.

No entanto, neste balanço entre o passado e presente, a tradição e a inovação, numa paisagem na qual a primeira parece ganhar vantagem sobre a segunda, é sobretudo na ruína que o geocaching mais investe, é a paisagem do passado, no que tem de elementos que não resistiram ao tempo nem à mudança dos contextos, a que mais se representa nesta geografia dos tesouros georreferenciados. As caches trazem de novo à superfície os pedaços de vida que se foram escondendo e degradando, as territorialidades que hoje são históricas,

mas que deixaram rasto numa paisagem que teima em avivar memórias. Esta é a viagem do geocacher pelo antigo, pelo que já foi e agora se refuncionaliza, os restos de um moinho de água em S. Romão; uma velha e desativada central hidroelétrica em Vila Cova à Coelheira; uma fábrica em Loriga, da qual apenas sobrevivem as paredes; ou um desgastado e abandonado lagar, registo de uma paisagem pretérita de povoamento denso, uma paisagem mais vivida que exigia sustento para mais gente (Figura 8).



Figura 8
Antigo lagar, em Valezim.

A ruína confere passado às paisagens rurais, alonga-as no tempo num percurso de regresso ao que se imagina mas já não existe. Contudo, estas são histórias que podem agora fazer parte do futuro, porque algumas se poderão refuncionalizar, ir ao encontro de interesses renovados de outras personagens, dos neorurais aos novos turistas (POON, 1994) ou, é este o caso, aos que viajam numa visita fugaz a um mundo que mal conhecem na simples procura de uma cache que ali estará, dissimulada algures nos despojos materiais de vidas pretéritas.

Sobre o que resta do passado, as memórias e a ligação de algumas paisagens rurais a esse mundo que já passou, escreveu Miguel Torga (1991, p.195) em 4 de Março de 1973, a propósito de uma passagem pelo maciço de Sicó (Rabaçal):

“O esqueleto de um moinho de vento a entristecer mais ainda esta paisagem desolada de paredes ressoantes, olivais mirrados e carrasqueiras agressivas. As rodas de pedra em que assentava todo o engenho - que assim podia ser adaptado a qualquer aragem -, o ciclópico vigamento de carvalho que as unia, e as duas mós, suspensas no vazio, coladas uma à outra como maxilas defuntas. As velas

voaram, o grão deixou de cair da moega, a fome mudou de rumo, e da fábrica alada ficou apenas, à margem da estrada da vida, uma caricatura espectral. E é junto dela que penso noutros moinhos que em vez de pão do corpo moeram pão do espírito, e de que só restam também carcaças semelhantes. Moinhos que, como este, tiveram destino mas não tiveram futuro”

Nada se vai referir sobre a desolação que o escritor senti nesta região, portuguesa também, mas longe das geografias serranas da Estrela que aqui nos têm ocupado. Contudo, releve-se a adjetivação, porque essa também se aplica a uma parte do mundo que se observa no espaço geográfico aqui analisado. Neste, as caches mostram-nos aldeias que querem reemergir, lugares que trabalham para ganhar um novo fôlego, aglomerados que reafirmam existir, como rochedos que ali estão, inamovíveis e resistentes ao tempo. No entanto, entre a decadência e as oportunidades de reanimação, subsistem os restos do passado e os, referidos por Torga, esqueletos defuntos que ensombram o cenário. No entanto, nesta pós-modernidade de consumidores, os registos da História atraem mercados urbanos que os desconhecem, tal como agentes locais que os revalorizam, talvez até porque também a eles estes despojos não são familiares.

Neste ponto de vista de ligação entre espaços e tempos desencontrados, o geocaching pode ser mais que um pretexto de viagem e uma atividade de ocupação de templos livres em espaços abertos. Esta atividade lúdica será uma inovação com origem no espaço virtual promovida pela difusão mais acessível e económica de instrumentos de orientação no terreno mas também pelo aumento do número de utilizadores de internet e pela generalizada promoção da literacia tecnológica. Contudo, essa excelência no manuseamento de instrumentos de orientação e da sua aplicação na busca de pontos georreferenciados que, por sua vez, se retiraram de uma página web, não impede a procura do passado, por isso muitas caches registam também lugares topobiográficos, espaços de memória de personalidades de algum modo associadas a esta geografia, nalguns casos com vidas que ultrapassam os locais de origem: na rotunda que homenageia Afonso Costa, em Seia, lá está uma cache. Em Loriga, laureando uma personalidade local, também foi colocada uma cache para evocar Amorim da Fonseca, médico benemérito que, muito antes da chegada do Estado Social, promoveu a saúde naquela localidade.

Este mundo tecnológico faz viajar no tempo mas é também sensível ao espaço e à geodiversidade da região, porque neste perímetro se colocaram caches em vales, nas alturas mas também nas terras chãs, nos aglomerados populacionais mas também nas áreas florestais, espaços nem sempre protegidos dos incêndios estivais mas um valor expresso em múltiplas caches colocadas no terreno, como ocorre com o trilho da Mata da Senhora do Desterro.

3 - O geocaching como experiência territorial na Serra da Estrela

Procurar uma cache pode ser uma experiência mais ampla que um simples jogo de descoberta e registo de um objeto encoberto na paisagem. O geocaching é uma prática territorial, um pretexto de viagem, porventura uma exaltação dos sentidos quando o geocacher se oferece tempo a si próprio, se permite a duração que o aproxima da paisagem que se vê e sente, por vezes revelando o amor que nasce à primeira vista, aquela que se tem a partir do ponto de descoberta desse tesouro escondido. O geocaching pode ser isso, o reforço da atenção sobre o espaço envolvente e o desvio dos mais óbvios corredores de circulação, como acontece no Sabugueiro para quem se limita a atravessar a localidade, porventura com alguma paragem, mas sem sair da N399, o eixo que fragmenta e aparenta comprimir a aldeia reduzindo-a ao casario que se aperta ao longo desse centro comercial linear. A procura das caches estimula a descoberta do que está mais além do óbvio. Para muitos, esta aldeia, a mais alta de Portugal, assim se convencionou, pouco mais seria que um caminho de passagem, uma rua de lojas, cafés e restaurantes, um alinhamento de casacos de pele, camisolas e gorros, de trenós verdes, vermelhos e azuis encostados às fachadas de edifícios recentes ali colocados quase sem ordem, de montras com (bons) queijos e (recomendáveis) licores ou com (menos interessantes) bugigangas mais ou menos massificadas. O geocaching dá existência ao centro histórico deste aglomerado, criando atrativos para o geocacher que passa. É claro que se pode questionar a vantagem de ver forasteiros a pisotear os recantos mais íntimos de uma aldeia como o Sabugueiro. Assim seja, de facto persistem as dúvidas - afinal, que proveitos se vislumbram? Se é certo que se compreendem estas incertezas, não é menos verdade que é penalizadora toda a ideia de simplificação de um lugar a um dos seus traços - neste caso, a venda de produtos, genuínos al-

guns, plastificados outros, de uma vaga associação ao mito da aldeia serrana de tipo alpino.

Os comentários registados na página web do evento, alojada no endereço geocaching.com, são reveladores das experiências proporcionadas pelo encontro, a “bela Serra da Estrela”, esta sim “a protagonista do fim-de-semana”; as “paisagens deslumbrantes” de uma vertente da serra que se “desconhecia”; as “aldeias escondidas por entre curvas e contra-curvas”; “locais fantásticos e maravilhosos conhecidos (...) através do geocaching”; “as águas (...) que não deixam de surpreender e encantar”; “as cores, os sons, os cheiros, paisagens deslumbrantes, caminhos de cortar a respiração, trilhos maravilhosos, cascatas intensas (...)”; promessa de regressos, lugares que há que explorar mais tarde, quando “houver mais calor”; um passeio “inesquecível” mas, também se alerta nestes log’s, um evento que foi “alterar o quotidiano daquelas pacatas Aldeias de Serra” porque, é verdade, o geocaching impõe novos atores na paisagem, dissimulados eles próprios, novos transeuntes, caras estranhas, mas que devem chegar e partir discretos e, respeitando a ética do geocaching, sem nada alterar no local, a não ser o que se leva de mais-valias - um mapa mental mais alargado, uma referência toponímica que antes era desconhecida e agora não o é, com consequências imprevisíveis que o futuro apurará.

Observado a partir destes lugares de baixa densidade, o geocaching é uma inovação, cria novas centralidades e mapas originais, cartografias que pontuam novas atrações e orientam percursos. A juntar à memória do passado, que aqui e ali persiste na criação de gado e nalguma agricultura (sempre que a altitude a permite); ao território da água e da produção energética; ao espaço turístico da neve mas também à centralidade ecológica da Serra da Estrela; as caches atraem novos turistas, novos agentes que percorrem o terreno, curiosos da paisagem e ansiosos da descoberta do tesouro que antes identificaram, numa viagem prévia pelo mundo topológico e digital da web. A multifuncionalidade dos espaços de baixa densidade de matriz rural é isso mesmo, um ir e vir de múltiplos atores, nem todos contactando entre si, porque no mesmo espaço geográfico nem todas as territorialidades se cruzam.

Este evento apostou no envolvimento dos visitantes com a população local que não pratica geocaching mas também, dentro da rede, nos laços entre geocachers locais e não locais. Aqui foi assim, no âmbito de um evento que teve esta aproximação como um dos objetivos. Os geocachers que viajaram para a Serra da Estrela puderam estabelecer laços, duradouros ou

não, o tempo o dirá, com colegas geocachers locais, alguns deles autores e gestores de caches. Contudo, nem sempre esse envolvimento é efetivo. Este jogo faz a pedagogia da paisagem e da abertura ao local, mas nem sempre existe contacto entre quem chega e quem lá está. A comunidade geocacher é muito diversificada, uns são mais apressados, outros deixam-se levar mais pelo tempo e pela duração; alguns, guardiães de uma tribo confinada que só a eles pertence, fecham-se mais entre si, enquanto outros se abrem a quem encontram no terreno, atores autóctones que, não é raro acontecer, acabam muitas das vezes por ajudar na descoberta da cache. No entanto, também se deve prestar atenção ao outro lado, a quem recebe. Nalguns casos, olha-se para o intruso com desconfiança, sobretudo quando não se desvia o olhar dos comportamentos estranhos do geocacher: levantando pedras; espiando debaixo de bancos de jardim; estendendo o braço para dentro dos ocos das árvores; porventura trepando algum muro ou debruçando-se sobre os baixios de alguma ponte. Noutros, a população local abre-se e participa, conhece o que se procura, guia os geocachers desorientados, é parte ativa no processo.

4 - Notas conclusivas. O geocaching e a imagem de um lugar

Outro dos objetivos deste acontecimento foi a promoção da Rede das Aldeias de Montanha enquanto marca e novo produto turístico na Região Centro. Não se discutem aqui os méritos e os deméritos desta estratégia, o envolvimento entre atores como a câmara municipal de Seia, o parque natural ou a região de turismo, mas adianta-se apenas que este evento de geocaching surge na sequência de outros, como o fim-de-semana fotográfico que, algumas semanas antes, fez da serra um objeto de criação inventiva na área da imagem, um território de acolhimento de uma nova fórmula - o turismo criativo, que vive não para o simples turista ativo que repete gestos ancestrais mas para aquele que ali vai e cria algo de novo (RICHARDS e WILSON, 2006).

Por outro lado, também não se discute a pertinência e a importância estratégica da imagem que um espaço geográfico sugere, positiva ou negativa, atrativa ou repulsiva. Seguindo a sistematização desenvolvida por Baker (2007), essa imagem é um estado dinâmico e sistémico modelado por três fontes de informação que, apesar de separadas neste modelo, se inter-relacionam entre si. Para este autor, a perceção que se tem de um lugar está a jusante de um conjunto de estratégias

induzidas e pró-ativas de promoção do mesmo. Cada vez mais entregues a especialistas na área da comunicação mas também do planeamento do território, esta é a componente mais visível do marketing territorial (RAINISTO, 2003; AVRAHAM e KETTER, 2008). Construir e promover, por métodos e canais diversificados que vão do analógico ao digital, uma imagem positiva e atrativa de um espaço geográfico, seja este um resorte turístico à beira-mar, seja uma cidade ou parte desta, uma vila, uma área serrana ou um qualquer parque natural, eis o fundamento do marketing territorial. Para Baker (2007), trata-se de uma *imagem induzida*, profissionalmente trabalhada, orientada e localmente controlada. O mesmo autor refere-se também à *imagem orgânica*, com a qual nem sempre as imagens induzidas coincidem em intensidade e conteúdo. Esta fonte orgânica de modelação das perceções de um lugar resulta da observação distanciada de um espaço geográfico representado por diferentes plataformas que, de modo indireto, vão deixando marcas na forma como se percebe este ou aquele lugar. Indústrias culturais como o cinema, a fotografia, o teatro, a televisão, mas também a literatura, a imprensa e a publicidade veiculada em múltiplos formatos, são responsáveis pela representação e difusão da imagem dos territórios, quantas vezes mostrados na sua versão esquemática e estereotipada. Há lugares aos quais se associam imagens positivas, de distinção e cosmopolitismo, comuns na forma como expressões criativas como o cinema filmam cidades como Paris ou Nova Iorque, exemplo de lugares apropriados por estratégias publicitárias de venda de produtos e modos de vida sofisticados e urbanos. Estas imagens orgânicas, não controladas pelo espaço geográfico visado, veiculam também imagens de lugares inseguros, instáveis, não confiáveis, uma versão obscura, muita das vezes também estereotipada, de lugares repulsivos sobre os quais se desenvolvem sentimentos topofóbicos que se traduzem em comportamentos de repulsão. Para além destas fontes indiretas, a perceção de um lugar é também modelada pela *imagem vivida*, pelas sensações percebidas no terreno quando se visita e vive o lugar. Nesta época digital e de criação democratizada de conteúdos, uma boa ou má experiência direta pode, no imediato, ser difundida e partilhada por redes rápidas e eficazes na distribuição sócio espacial da mensagem. O que é agora uma experiência vivida passará no imediato a ser uma fonte suplementar de (bom ou mau) marketing territorial depois da publicação de fotos, vídeos ou relatos de viagem em plataformas especializadas ou generalistas de divulgação. Por estes canais correm imagens e men-

sagens de sinal contrário que escapam às estratégias formais de promoção, geografias percebidas que ora reforçam, ora denunciam estereótipos esquemáticos que reduzem os olhares sobre o território a uma das suas facetas. Neste jogo de conteúdos, incorre-se no risco da simplificação redutora, positiva ou negativa, consoante os casos, mas quase nunca neutra na forma como induz atitudes.

Retomando a síntese de Baker (2007), este evento demonstra que o geocaching pode ser assumido como uma estratégia formal de marketing territorial (a *imagem induzida* referida por este autor). Ao mesmo tempo, promove uma experiência direta e uma *imagem vivida* quer pelo geocacher que procura o tesouro quer pelos eventuais acompanhantes. Por fim, o geocaching intrmete-se nas chamadas *imagens orgânicas*, nas perspetivas veiculadas na plataforma digital e acessíveis a todos, imagens fotográficas que se difundem através da internet, impressões positivas ou negativas, narrativas mais ou menos marcantes registadas nos comentários deixados na página de apresentação da cache. Um evento desta natureza tem, por isso, um efeito que ultrapassa a centena e meia de participantes. Estes são produtores de conteúdos, controlam canais de difusão e condicionam, a uma escala com abrangência variável que não se imagina nem consegue controlar, o comportamento de outros, dentro e fora da rede a que pertencem.

Bibliografia

- AVRAHAM, E. e KETTER, E. (2008) - *Media strategies for marketing places in crisis*. Butterworth-Heinemann, Amsterdam.
- BAKER, B. (2007) - *Destination branding for small cities*. Creative Leap Books, Portland.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SEIA (2012) - *Aldeias de Montanha*. Seia.
- JACINTO, Rui (1995) - "As outras geografias: a literatura e as leituras do território". *Cadernos de Geografia*, nº14, Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Coimbra.
- POON, A. (1994) - "The new tourism revolution". *Tourism Management*, vol. 15, nº 2, pp. 91-92.
- RAINISTO, S. (2003) - *Success factors of place marketing. A study of place marketing practices in Northern Europe and the United States*. Dissertação (Doutoramento em Science in Technology), Helsinki University of Technology, Espoo.
- RICHARDS, G. e WILSON, J. (2006) - "Developing creativity in tourist experiences: A solution to the serial reproduction of culture?". *Tourism Management*, 27, pp. 1209-1223.
- TORGA, Miguel (1991) - *Diário XI*. Coimbra.